

**A tomada da palavra: apresentação à tradução de um trecho dos “Cadernos de reivindicações saídos das prisões quando das revoltas recentes”.**

Laura Silva Campos Lessa  
Universidade Paris 8 Vincennes - Saint-Denis

Maria Nogueira Scarambone Zaú  
Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS-Paris)

Mateus Thomaz Bayer  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

Formado em 8 de fevereiro de 1971 em meio a um contexto de intensa repressão política, o *Grupo de informações sobre as prisões* (GIP) teve um importante papel para a inscrição das prisões na pauta política francesa no pós-maio de 1968. Seu nome é estabelecido por uma indicação direta de Michel Foucault e já carrega em si mesmo as orientações mais importantes de sua atuação: fazer da informação, lá onde ela é interdita, o ponto focal de uma luta, sendo ela já o seu primeiro ato. A reunião dessas informações até então submetidas à censura, assim como a formação de uma rede de comunicação contra todos os isolamentos da experiência dos detentos, constituiria assim a via privilegiada para a construção de um saber coletivo. Que os prisioneiros tenham condição de falar por si mesmos, de informar a sua condição e de se informar sobre as condições dos outros detentos: esta era a orientação geral do GIP.

Desde a sua fundação, o grupo contou com um conjunto muito heterogêneo: havia ex-prisioneiros e prisioneiros, além de grupos de familiares; havia também profissionais como médicos, advogados, assistentes sociais, psiquiatras, etc. Figuras eminentes à época como Jean-Marie Domenach, Pierre Vidal-Naquet, Gilles Deleuze, Claude Mauriac, Daniele Rancière e Daniel Defert também formavam seu *corpus* atuante – além, claro, do próprio Michel Foucault.

Desde seus primeiros dias, entretanto, o GIP foi pensado como um dispositivo político anônimo – e isto não apenas por se tratar de um grupo flutuante que recusou a se oficializar numa instituição autorizada – mas sim pelo fato de que, dessa forma, buscou-se escapar de toda e qualquer personalização que implicasse num esvaziamento do discurso em sua dimensão disruptiva e “acontecimental”:

No GIP, isso significa: nenhuma organização, nenhum chefe, fazemos verdadeiramente tudo para que ele permaneça um movimento anônimo, que só exista pelas três letras de seu nome. Todo mundo pode falar. Qualquer um que fala não fala porque tem um título ou um nome, mas porque tem algo a dizer. A única palavra de ordem do GIP é: ‘Aos detentos, a palavra’ (Foucault, 2010, p.266).

O grupo teve uma curta e importante duração: apenas dois anos de existência. E isto por que ao final deste período algo de fundamental parecia ter se realizado: a prisão passava a estar inscrita na pauta política não mais pela voz dos especialistas acadêmicos ou do moralismo humanista, mas sim em função da voz dos próprios prisioneiros. Ao GIP se seguiram outras experiências semelhantes em diferentes campos: *Grupo de informações sobre a saúde (GIS)*; *Grupo de informações sobre os asilos (GIA)*; *Grupo de informações e suporte aos trabalhadores imigrantes (GISTI)*; *Grupo de informações dos trabalhadores sociais (GITS)*.

É certo que 1971 foi um ano decisivo. O GIP inicia suas atividades buscando fazer circular nas prisões uma série de questionários a partir dos quais os detentos poderiam imprimir suas perspectivas, transformá-los a partir de suas próprias questões e emitir seu saber para que outros detentos também tivessem acesso. Responder aos questionários rapidamente se transformou num ato de solidariedade coletivo, de modo que os prisioneiros e suas famílias, mesmo cientes dos perigos de serem sancionadas pelo poder carcerário, assumiam o risco de fazê-los circular<sup>1</sup>. Este saber coletivo que emergiu das falas dos prisioneiros foi com o tempo organizado e publicado em uma série de brochuras sob o título *Intolérable*. O teor deste título já se apresenta logo na contracapa da primeira publicação:

*São intoleráveis:  
os tribunais  
os policiais  
os hospitais  
os asilos,  
as escolas  
o serviço militar  
a imprensa  
a TV  
o Estado  
e principalmente as prisões.<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> Sobre a construção, a circulação e o lugar dos questionários na luta do GIP, cf. Rancière (2014), assim como o importante texto de Defert (2021): “*Quando a informação é uma luta*”. No presente dossiê, cf. o artigo de Bayer: “*Um militante específico: Foucault, a genealogia e as lutas históricas*.”

<sup>2</sup> Tradução nossa. Dispostas dessa forma, essas palavras comparecem na contracapa da primeira edição do caderno “*Enquête dans 20 prisons*” tal como publicado pela *Éditions Champ Libre* em 1971.

Este conjunto é composto por quatro publicações<sup>3</sup>:

- “*Inquérito nas 20 prisões*”: lançada em 28 de maio de 1971, apresenta integralmente exemplos de questionários respondidos por detentos das penitenciárias *La Santé* e *Province*, além de dois relatos sobre as condições de vida nas prisões. Aqui encontram-se também respostas a temas como as visitas; a censura às correspondências; o trabalho; a alimentação; os cuidados médicos; etc. As punições na solitária e os suicídios são também abordados, assim como as greves e as revoltas recentes à publicação. Com uma tiragem inicial de três mil exemplares, essa brochura teve sua reedição em junho do mesmo ano.
- “*Inquérito em uma prisão-modelo: Fleury-Mérogis*”: publicada em junho de 1971 pela *Champ libre*, inclui como exemplo daquilo que critica, uma reportagem em tom elogioso feita por Jean Ferniot a respeito de sua visita a Fleury-Mérogis, maior prisão europeia da época e considerada uma “prisão modelo”. O caderno apresenta trechos do regulamento interno da prisão, assim como relatos sobre a cumplicidade médica às opressões carcerárias por meio da utilização arbitrária de medicações. São apresentados também todo um “arsenal modernizante” (Rodrigues e Dias, 2017, p.81) – como testes psicológicos, relatórios de condutas e sistemas de classificação – expostos aí enquanto mecanismos de poder atuantes sob o nome de “objetividade”.
- “*O assassinato de George Jackson*”: apresentada com um prefácio de Jean Genet, é publicada em 10 de novembro de 1971 pela *Éditions Gallimard*. Além do prefácio, a brochura conta com duas entrevistas concedidas por G. Jackson nos meses que antecederam seu assassinato na prisão de Saint Quentin, na Califórnia, em 21 de agosto de 1971. Das entrevistas, uma foi acordada ao serviço de informação do *Black Panther Party*, e a outra a um jornalista do Berkeley em Saint Quentin. Nelas, Jackson analisa a função revolucionária do movimento nas prisões. Junto a isso, nesta brochura, o GIP reúne e analisa informações e documentos publicados acerca da morte de G. Jackson.

---

<sup>3</sup> Para situar os cadernos, foi de grande importância a apresentação de mesmo tipo estabelecida por Rodrigues e Dias (2017), assim como as precisões organizadas por Artières (*Groupe d’information sur les prisons*, 2013).

- “*Suicídios de prisão (1972)*”: publicada pela *Éditions Gallimard* em fevereiro de 1973, é possível encontrar uma lista de 32 detentos que se suicidaram, além de palavras e cartas deixadas por eles. No pequeno texto de apresentação desta última brochura publicada pelo GIP, no momento que marca também sua dissolução, vemos, além da assinatura do grupo, aquelas do *Comitê de Ação dos Prisioneiros (CAP)*<sup>4</sup> e da *Associação pela Defesa dos Direitos dos Detentos (ADDD)*<sup>5</sup>. Para além do local onde esses atos ocorreram - dentro ou fora dos muros dos presídios -, o título marca as condições que suscitaram sua efetivação: suicídios que se inscrevem na vida da prisão e “exprimem a luta contra o sistema penitenciário”, que podem ser tomados também como “parte da revolta nesses homens que têm somente seus corpos para lutar e resistir” (GIP, CAP e ADDD, 2013, p.271 tradução nossa).

Salvo o texto de apresentação desta última brochura e o prefácio escrito por Jean Genet para o terceiro caderno, todos os demais textos são anônimos, carregando apenas a assinatura coletiva do GIP. *Esses escritos constituem propriamente o arquivo dessa militância*. Como nos lembra Rodrigues e Dias (2017), não se trata aí de “relatórios de pesquisa”, tampouco de “coleta de dados”, mas da formação de um campo de informações capaz de rastrear o que se passa enquanto se passa. Não há exterioridade de condição - os pesquisadores são os próprios pesquisados; tampouco exterioridade de tempo - não é um escrito para “depois”, uma vez que não servem a uma avaliação posterior dos fatos. Nesse sentido, os cadernos buscavam se estabelecer como *atos políticos* em seu próprio tempo.

Originalmente, as brochuras do GIP que formaram a série *Intolérable* tiveram sua publicação realizada isoladamente pelas editoras *Champ Libre* (n.1 & 2) e *Gallimard* (n.3 & 4). Em Abril de 2013, elas foram reunidas pela primeira vez e lançadas em formato de livro pela editora *Gallimard*<sup>6</sup>. Com edição, apresentação, cronologia e posfácio organizados por Philippe Artières, este livro traz também um escrito à parte das publicações do *Intolérable*, mas que a elas se une de forma crucial. Trata-se da publicação intitulada “Cadernos de Reivindicações saídos das prisões quando das

---

<sup>4</sup> Movimento auto-organizado por prisioneiros e ex-prisioneiros que se estabeleceu na esteira das brechas abertas pelas ações engendradas pelo GIP. Teve na figura de Serge Livrozet uma liderança importante.

<sup>5</sup> Assim como o CAP, a *Associação pela Defesa dos Direitos dos Detentos (ADDD)* também surgiu como um desdobramento das ações do GIP.

<sup>6</sup> Cf. *Groupe d'information sur les prisons*, 2013.

revoltas recentes”<sup>7</sup>, lançada em abril de 1972 em meio às intensas atuações do GIP. Cronologicamente, constitui o quarto caderno que o grupo torna público, manifestando já em suas primeiras palavras o teor do que ataca:

Os prisioneiros tomaram a palavra!

Esse folheto contém alguns dos textos pelos quais os detentos atualmente presos exprimem suas reivindicações. Os panfletos que os detentos conseguiram difundir no curso de suas ações coletivas se endereçam mais à população do que à administração penitenciária. Eles merecem mais que uma notinha de rodapé em um jornal, discreta demais para despertar um eco em um silêncio indiferente.<sup>8</sup>

Seu texto, como o próprio nome indica, é formado por reivindicações de seis prisões: Toul; Loos-lès-Lille; Melun; Nancy; Fresnes e Nîmes. Elas se apresentam em listas organizadas por estabelecimento, de modo a respeitar as formas de expressão adotadas por cada um deles. Junto a isso, é possível encontrar diversos testemunhos, dentre eles, o de um antigo detento; o da assistente social Josette d’Escrivan, da penitenciária de Fresnes, que fala sobre sua demissão; além da integralidade do depoimento dado à administração penitenciária por Edith Rose, psiquiatra da Maison Centrale de Toul<sup>9</sup>.

Deste caderno, apresentamos aqui uma tradução parcial de seu conteúdo. O limite de tempo para a realização de uma tradução minuciosa que esse projeto merece, se soma ao caráter limitado concernente ao tamanho da publicação do presente dossiê. Entendemos que o projeto atual de retomar os trabalhos do GIP tem no momento dos 50 anos de *Vigiar e Punir* a porta de entrada de algo que convoca uma empreitada mais extensa. A escolha de privilegiar o que se apresenta como fala direta dos detentos, em termos de listas de reivindicações, depoimentos ou cartas, se deu por seu caráter reivindicatório, de tomada da palavra e de circulação estratégica da informação. Os cadernos servem aqui como arquivos que retomam o efeito material do *acontecimento* GIP. Neles encontramos um respeito a fala dos detentos e uma recusa em comentá-las ou teorizá-las. Qualquer forma de sobrecodificação posterior seria sem dúvidas incoerente com o trabalho a que o GIP se propunha. Como nos lembra Artières (2013), trata-se de agir como um transmissor [*transmetteur*] num sentido quase radiofônico do termo. Em suma, a função do GIP era fazer circular as informações de um ponto a

---

<sup>7</sup> Título original: “*Cahiers de revendications sortis des prisons lors des récentes révoltes*”.

<sup>8</sup> Tradução nossa. Cf neste dossiê “*Cadernos de Reivindicações saídos das prisões quando das revoltas recentes (trecho)*”.

<sup>9</sup> Encontramos um posicionamento de Foucault a respeito deste relato em “*O Discurso de Toul*” (Foucault, 2014).

outro, estabelecendo redes de comunicação entre as prisões e os aliados das lutas contra o seu caráter intolerável. Nesse processo, buscava-se o máximo possível manter as palavras dos prisioneiros tal como elas haviam sido enunciadas, evitando alterá-las, deformá-las ou delas se apropriar. Não se trata aí de uma ingênua concepção do “purismo” da linguagem, mas sim de sustentar o máximo possível a dimensão de *acontecimento* desse discurso contra tudo aquilo que buscou suplantá-lo ou desqualificá-lo.

Mas como, então, traduzir um *acontecimento*? Eis uma tarefa impossível, uma vez que toda tradução implica uma forma de reescritura e colocação em outra conjuntura. No entanto, encarar os impasses desse desafio é sustentar a inevitabilidade da escolha de termos, precisões, tons e expressões. É não fugir das decisões imperfeitas, mas fazê-las de modo avisado, situado no contexto de apresentação dos termos originais, mas também tendo em vista o solo de recepção e circulação de uma tradução brasileira proposta mais de cinquenta anos depois no interior de uma revista acadêmica (o que já implica um aparecimento inteiramente distinto).

Certamente haveria modos distintos de se fazer esse jogo – e disso estamos cientes, o que não nos faz ser menos tomadas pela inquietude dessa reflexão. Ainda assim, nos parece importante arriscar este trabalho de tradução, especialmente num país onde as desigualdades sociais bloqueiam de forma tão significativa o acesso a línguas estrangeiras e a decorrente pesquisa dessas fontes que até então foram surpreendentemente subestimadas nos estudos foucaultianos. Do que temos ciência, esta é a primeira vez que este material é apresentado em alguma tradução brasileira<sup>10</sup>, ao passo que não o propomos como um ponto final, mas como um início.

#### **Referências:**

DEFERT, Daniel. Quando a informação é uma luta. *In: Uma vida política*. São Paulo, SP: n-1 edições, 2021. p. 103–109.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos I: Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos X: Filosofia, diagnóstico do presente e verdade**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2014.

---

<sup>10</sup> Dos arquivos do *Grupo de informações sobre a saúde*, entretanto, temos uma importante tradução realizada por Rodrigues e Francisco (2016) de um “artigo na forma de manifesto” (p.39) preparado em 1972 e publicado sob o título “*Médecine et lutte de classes*”.

GROUPE D'INFORMATION SUR LES PRISONS. **Intolérable: groupe d'information sur les prisons**. Paris: Verticales, 2013.

RANCIÈRE, Danielle. Militar juntos: Entrevista com Danielle Rancière. *In*: ARTIÈRES, Philippe *et al.* (Orgs.). **Michel Foucault**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2014.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; DIAS, Rosimeri de Oliveira. O GIP como modo de insurreição - ouvindo o ronco surdo da batalha. *In*: RAGO, Margareth; GALLO, Sílvio (Orgs.). **Michel Foucault e as insurreições: é inútil revoltar-se?** São Paulo, SP: Intermeios, 2017.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde; FRANCISCO, Alessandro. Foucault nas lutas estratégicas no campo da saúde. **ECOPOLÍTICA**, n. 15, 2016.

Laura Silva Campos Lessa  
Mestre em Estudos de Gênero pela Universidade Paris 8 Vincennes - Saint-Denis  
E-mail: [laurasclessa@gmail.com](mailto:laurasclessa@gmail.com)

Maria Nogueira Scarambone Zaú  
Mestre em Saberes em Sociedade - História das Ciências, das Técnicas e dos Saberes  
pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHSS-Paris)  
E-mail: [marianszau@gmail.com](mailto:marianszau@gmail.com)

Mateus Thomaz Bayer  
Doutor em psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGP-UFRJ)  
E-mail: [mateusthomaz@gmail.com](mailto:mateusthomaz@gmail.com)